

O Jornal Nacional e a campanha das “diretas já”: quando o passado se faz presente

Maria dos Anjos Ferreira Satiro XAVIER¹

Helayne Candido PEREIRA²

Moisés de Araújo SILVA³

Resumo

O artigo se propõe a analisar a cobertura jornalística dada pela Rede Globo de Televisão ao movimento cívico popular mais importante da história recente do nosso país, o “Diretas Já”. Para tanto, foi utilizado como base de nosso estudo o livro “Jornal Nacional – A notícia faz história”. O artigo aborda a justificativa dada pela emissora, após quase três décadas do fim da ditadura, sobre as duras críticas e acusações sofridas por esta no que se refere à linha editorial adotada durante o período militar. O objetivo foi analisar, através dos textos e depoimentos dedicados ao assunto, se a versão oficial dada pela emissora mantém ligação com o passado ou procura modificar o discurso e imagem social da Rede Globo durante o período de redemocratização do Brasil.

Palavras-chave: Telejornalismo. “Jornal Nacional”. “Diretas Já”.

1. Introdução

A TV Globo, fundada em 26 de abril de 1965, pelo empresário Roberto Marinho, destaca-se por ter, ao longo da sua trajetória, influenciando, através do telejornalismo, a história política do Brasil.

Desde sua origem, a emissora foi duramente criticada e “acusada” de apoiar os militares ao fazer uso de uma linha editorial atrelada aos interesses das elites dominantes que estavam por trás do Golpe Militar de 1964.

De modo específico, um dos episódios mais controversos da história da emissora diz respeito à atuação do telejornal de maior audiência do país, o Jornal Nacional, frente ao processo de redemocratização brasileira, movimento que ficou

¹ Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. E-mail: meiresatiro@gmail.com

² Graduada em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. E-mail: helayne_candido@hotmail.com

³ Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2003). Atualmente é professor do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: sunmois@ig.com.br

conhecido como “Diretas Já”, que começou em 1983, se intensificou no ano seguinte (1984), e que foi considerado uma das maiores mobilizações sociais do país. O povo se uniu e foi às ruas em torno de um único objetivo: restabelecer as eleições diretas no Brasil.

O projeto Memória Globo, criado em comemoração ao aniversário de 35 anos da emissora, lançou, em 2004, uma publicação para homenagear o telejornal de maior notoriedade no cenário nacional: Jornal Nacional – A notícia faz história. No livro, através de depoimentos de diretores de jornalismo, editores e repórteres, ligados diretamente ao episódio das “Diretas Já”, a emissora reserva 18 páginas para tentar responder às acusações de suposta omissão na divulgação dos fatos.

Nesse sentido, este artigo se propõe a analisar o atual discurso da Rede Globo no que se refere às coberturas jornalísticas de maior importância para o processo de redemocratização brasileira. Para tanto, tomaremos por base o capítulo destinado a contar a versão oficial da emissora após quase três décadas de críticas sobre o período.

2. Rede Globo: Origem controversa e relações duvidosas

No início, ainda na década de 60, a emissora opta por transmitir uma programação popular, destacando-se com as produções com Chacrinha, Dercy Gonçalves, Raul Logras e Silvio Santos. Vale salientar, que durante esse período, a televisão vivia a censura imposta pela Ditadura Militar, através do Departamento Federal de Segurança Pública. A recém inaugurada TV Globo sofre a instauração de uma CPI para investigar a legitimidade de sua fundação, uma vez que, um dos senadores da República alegou à associação da TV Globo com o grupo americano Time Life. A emissora havia recebido subsídios que na época foram questionados por serem proibidos pela legislação brasileira. Posteriormente, a Time Life retira-se da Globo.

Apesar de constatada pela CPI da Câmara dos Deputados a infração, por parte da TV Globo, segundo o artigo 160, da Constituição da República, esta foi inocentada, pelo presidente Castelo Branco e o procurador geral da República, que consideraram a operação legal, fechando o inquérito e declarando infundadas as acusações levantadas (SILVA, 1985).

Em primeiro de setembro de 1969 vai ao ar, pela TV Globo, a primeira edição do “Jornal Nacional”, que por sua vez é o nosso objeto de estudo. O informativo, que

era transmitido para todo território nacional, inaugurou oficialmente a rede de microondas da Embratel.

2.1. Jornal Nacional: censura ou omissão?

O Jornal Nacional foi lançado a princípio para competir com o Repórter Esso, da TV Tupi e, em pouco tempo, passa a ser o jornal de maior alcance popular do país, em virtude da superioridade técnica da Rede Globo. Entretanto, a emissora encontrava dificuldades em aprimorar o seu conteúdo, mantendo-se distante dos grandes fatos políticos nacionais levados ao ar por outros jornais da época.

A superficialidade do noticiário explicava-se, assim, como resultado de uma diretriz editorial baseada na agilidade do estilo peculiar ao jornal, que se ajustava ao perfil da audiência do programa:

Parece ser importante dar ao telespectador que volta pra casa, depois de um dia inteiro de trabalho, um panorama breve do que aconteceu de mais significativo naquele dia. Este resultado obtido transmitindo-se somente mini-flechas das notícias selecionadas, que para serem transmitidas devem obedecer a rigorosos critérios de clareza, rapidez e possibilidade de fácil absorção, de modo que se dê ao telespectador a ilusão de que foi 'bem informado. (PEREIRA & MIRANDA, 1983, p. 12).

Em 1980, chega ao fim a censura prévia ao telejornalismo, embora ela reapareça superficialmente em julho de 1983. Embora livre da marcação severa da censura, a Rede Globo não conseguiu, apagar o estigma de sua vinculação com o Governo. O noticiário dispensava um tratamento generoso às autoridades governamentais, enquanto, explicitamente, parecia ignorar qualquer iniciativa de políticos da oposição.

Uma audiência com espírito crítico, ainda que não sistematizada, do Jornal Nacional permite que se percebam algumas técnicas através das quais o principal meio da população brasileira passa uma imagem altamente positiva do regime e negativa das oposições. Qualquer notícia que possa ter aspectos favoráveis ao governo, por exemplo, é dada com grande ênfase e com entrevistas dos ministros competentes, sem que se dê chance a líderes oposicionistas de contestarem, principalmente quando o assunto é econômico. Por outro lado, informações sobre aumentos de preços ou que possam ser recebidas com sentimentos negativos do público em relação ao governo são apenas registradas, quando são. (SILVA, 1985, p.51)

A situação era fácil de ser compreendida. O JN estava entre os maiores do mundo em termos de audiência e ostentava um considerável impacto sobre a opinião pública. O Regime sabia que sua imagem dependia muito do que era dito e mostrado ali e a Rede Globo sabia que devia muitos favores a esse Regime, que na época, ainda detinha o poder, apesar de bem mais fraco do que há algumas décadas (SILVA, 1985).

O Movimento das “Diretas Já”, conduzido por uma frente pluripartidária teve intenso apoio do jornalismo impresso, mas colidia com o silêncio das emissoras de televisão, que através do monopólio da informação jornalística do horário nobre, liderado pela Globo, ignorava o clamor das multidões que lotavam as praças das grandes capitais brasileiras. Fato que corrobora com esta afirmação, é o boicote produzido pelo JN a tal movimento em 1984, quando um comício realizado pelo movimento das Diretas, na Praça da Sé, foi noticiado como se fizesse parte das comemorações dos quatrocentos e trinta anos da cidade de São Paulo, sem qualquer alusão a conotação política do movimento.

Tal comportamento levou a mobilização dos próprios jornalistas da emissora, desencantados e revoltados com a inobservância do princípio elementar da objetividade noticiosa, que procura ser implementada por qualquer veículo jornalístico não partidário. Pressão igual emergiu dos próprios artistas vinculados contratualmente à emissora: cantores, atores e locutores, que aderiram pessoalmente à campanha pelas Diretas e compareceram ao comício de São Paulo e aos de outras cidades brasileiras, numa demonstração saudável de sua independência política frente ao padrão global. (MELO, 1984, p. 5-6)

Após quase três décadas de polêmicas acerca do episódio, a Globo vem a público, através do livro “Jornal Nacional – A Notícia Faz História”, expressar pela primeira vez a sua versão sobre as severas acusações de ter se omitido perante os fatos.

Uma análise inicial do texto da publicação nos leva a perceber dois principais argumentos utilizados pela emissora para atualmente ratificar a versão que deu aos fatos: o primeiro era o de que, em virtude de sua popularidade nacional, a emissora alega ter sido extremamente visada, mais do que qualquer outro veículo de comunicação, pelos órgãos de controle e repressão do governo; no segundo argumento, ela utiliza-se do clima de temor de uma possível perda de concessão e alega que o

momento a teria levado a repensar seu parâmetro para as edições jornalísticas. (Jornal Nacional, 2004, p. 109)

Seguindo o fluxo dos acontecimentos, que cada vez mais se intensificava pelos vários cantos do país, tendo como origem da campanha nacional “Diretas Já” os comícios realizados em Curitiba, no Paraná, em 12 de janeiro de 1984, que reuniu cerca de 50 mil pessoas, seguido por novas manifestações em Salvador, com 15 mil pessoas, Vitória, com 10 mil, e Campinas, São Paulo, com 12 mil, a Globo passa a ser alvo da hostilidade da população, dada a insatisfação da mesma que não admitia a forma que emissora acompanhava os fatos. Diante da gravidade da situação, esta insiste em atribuir até hoje ao governo a responsabilidade pela omissão:

Se por um lado segmentos da população pressionavam a Rede Globo para noticiar com mais destaque as manifestações pelas diretas, por outro a emissora vinha sendo pressionada pelos militares a simplesmente não cobrir os eventos. Woile Guimarães, então diretor dos telejornais de rede, diz que ministros e generais ligavam para Roberto Marinho, ameaçando até mesmo retirar a concessão para o funcionamento da emissora: "Acho que foi a maior pressão que a Rede Globo sofreu." (Ibi, Idem, p.109)

De fato, por mais que seja plausível a justificativa da “censura”, há de se relembra que, já neste contexto histórico, o Regime Militar encontrava-se em decadência. Diante do exposto, surge a necessidade de se definir o que realmente expressava censura e o que não passava de artifício da auto-censura que na verdade era imposta ao Jornal Nacional pela própria Rede Globo, através dos diretores, repórteres, copidesques e editores.

O presidente Médice deu uma definição bastante apropriada ao que era então o Jornal Nacional:

‘Sinto-me feliz todas as noites, quando ligo a televisão para assistir ao jornal. Enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se eu tomasse um tranqüilizante após um dia de trabalho’. (SILVA, 1985, p. 39)

É inegável que o Brasil não era esse país tão tranqüilo quanto Médice descrevia. O que acontece de fato é que o Jornal Nacional não divulgava os problemas nacionais.

Não como reflexo da censura, a superficialidade do noticiário explicava-se, assim, como resultado de sua diretriz editorial.

2.1.1 O Jornal Nacional e a polêmica transmissão do comício da Praça da Sé

Os comícios pelas “Diretas Já” arrastaram uma multidão de pessoas para as ruas. O mais importante deles aconteceu no dia 25 de janeiro de 1984, na Praça da Sé, no aniversário da cidade de São Paulo. O evento simbolizou a força do movimento dentro da sociedade. Na época, os organizadores estimaram em 300 mil o público presente no comício. A aglomeração de pessoas era tão grande que os alto-falantes não eram suficientes para chegar à multidão que tomou a praça. Foi a partir daí que as emissoras de televisão não tiveram outra opção que não fosse divulgar o movimento.

A polêmica que envolve a edição da matéria veiculada pelo Jornal Nacional começa ainda na escalada. "A cidade de São Paulo festeja os 430 anos de fundação" (JORNAL NACIONAL, 2004, p.108).

Percebe-se claramente que a emissora destaca apenas as comemorações referentes ao aniversário da capital paulista, ignorando por completo a existência do comício.

Para melhor entendimento acerca da polêmica em torno da matéria, tomaremos por base a transcrição da mesma, veiculada pelo telejornal:

São Paulo, 430 anos, nove milhões de brasileiros vindos de todo o país. A cidade de trabalho. São Paulo fez feriado hoje para comemorar o aniversário. Foi também o aniversário do seu templo mais importante, a catedral da Sé. De manhã, na missa, o cardeal arcebispo dom Paulo Evaristo Arns lembrou o importante papel da catedral da Sé nesses 30 anos em que ela vive no coração da cidade: 'Nessa igreja se promoveu praticamente a libertação de um povo que quer manifestar-se como povo. Eu acho que isso é fundamental para uma Igreja mãe que é tratada com tanto carinho.' E junto com a cidade aniversariou também hoje a Universidade de São Paulo. A USP completou 50 anos de existência. A ministra da Educação, Ester de Figueiredo Ferraz, foi à USP hoje. Ela falou da importância da Universidade com suas 33 faculdades e 45 mil alunos e assistiu a uma inesperada manifestação de estudantes e funcionários. Eles tomaram o anfiteatro com faixas e cartazes e pediram verbas para a educação, eleições diretas para reitor e para presidente da República. Mais à tarde, milhões de pessoas vieram ao Centro de São Paulo para, na praça da Sé, se reunir num comício em que pediam eleições diretas para presidente. Não foi apenas uma manifestação política. Na

abertura, música, um frevo do cantor Moraes Moreira. A praça da Sé e todas as ruas vizinhas estão lotadas. No palanque mais de 400 pessoas, deputados, prefeitos e muitos artistas, Cristiane Torloni, Regina Duarte, Irene Ravache, Chico Buarque, Milton Gonçalves, Estér Goes, Bruna Lombardi, Alceu Valença, Fernanda Montenegro, Gilberto Gil. A chuva não afasta o povo. Os oradores se sucedem no palanque e ninguém arreda pé. O radialista Osmar Santos apresenta os oradores. O governador de São Paulo, Franco Montoro, fez o discurso de encerramento: "Um dos passos na luta da democracia. Houve a anistia, houve a censura, o fim da tortura; mas é preciso conquistar o fundo do poder que é a Presidência da República." (Ibi, Idem, p.108-109).

Através do livro, a emissora inicia uma tentativa incansável de esclarecer e justificar a falta de menção ao conteúdo do movimento na escalada. Para tanto, esta insiste em utilizar o conteúdo da matéria veiculada na época com a finalidade de mostrar que a mesma não deixa dúvidas em relação à natureza do comício: mostrar a manifestação onde políticos, estudantes, líderes sindicais e até artistas reivindicavam o direito de votar para presidente da República.

Em pesquisa publicada, a estudiosa Márcia Fantinatti, docente da Faculdade de Jornalismo da PUC/Campinas-SP, também se propõe a analisar, através da publicação "Jornal Nacional – A notícia faz história", no contexto das "Diretas Já", a versão atual da emissora sobre as críticas que recebeu ao longo dos anos:

O que se observa é que a matéria completa – que exemplificaria, supostamente, o bom jornalismo da emissora e, ao mesmo tempo, serviria para rechaçar graves acusações contra ela, para lembrar as palavras de Ali Kamel (2003), - foi ao ar com duração de apenas dois minutos e 17 segundos, mostrando a maior manifestação pelas Diretas diluída em meio à festa dos 430 anos da cidade de São Paulo. Ressalte-se que, desse breve espaço de tempo, apenas cerca de um minuto é efetivamente dedicado ao comício, uma vez que, praticamente metade da fala do repórter, antes de mencioná-lo diretamente, referia-se aos diversos acontecimentos do dia – da importância da Catedral da Sé ao aniversário da Universidade de São Paulo -, condensados num único texto. Isso indica que até o principal dos comícios recebeu um tratamento jornalístico indigno, considerada a sua repercussão política. Era essa postura displicente para com o movimento pelas Diretas, no seu conjunto, o que era classificado como omissão do jornalismo da Globo [...] . Nota-se a diluição em meio a outro assunto, o que não implicou necessariamente em omissão ou negação de aspectos de dada realidade. O que se pode afirmar é que, mostrando o comício em meio ao clima geral de aniversário da cidade de São Paulo, a edição certamente não favoreceu o esclarecimento da natureza política do evento. A chamada da matéria exaltava a comemoração festiva dos 430 anos da capital paulista,

excluindo o comício político; a matéria o inclui, é verdade, mas mencionando-o de modo secundário, superficial e rapidamente, o que é injustificável, dada a sua inegável importância jornalística. (FANTINATTI, M. M. C. M., 2007, p. 5)

Nesse sentido, compartilhamos da opinião da autora e reafirmamos acreditar que a matéria da Rede Globo não foi ao ar de forma clara, não primava pela imparcialidade diante dos acontecimentos e sequer mencionava a proporção do movimento.

A pesquisadora ainda avalia dois pontos fundamentais que constata que a edição do Jornal Nacional evitou abordar a manifestação da forma como de fato ocorrera. São eles: A não utilização do slogan que exprimia o sentido político e simbólico daquele momento, o “Diretas Já”, e o tempo “insuficiente”, de dois minutos e 17 segundos, reservados na abordagem do assunto em questão. Tendo em vista a relevância política que o movimento significava no contexto da redemocratização do país, a autora elucida:

É fundamental a constatação de que a edição do Jornal Nacional evitou o slogan “Diretas Já”. Não se trata apenas de uma opção por não apoiar o movimento, mas sim, de tomar providência para que, deliberadamente, este fosse descaracterizado. Afinal, o comício não era uma ação isolada: fazia parte de um conjunto de manifestações, configurando-se como movimento em favor de eleições presidenciais, que tinha na expressão “Diretas Já” – o nome pelo qual vinha se popularizando - um conjunto de significados práticos e simbólicos. A edição omite a campanha pelas Diretas, da qual este comício era uma das expressões e também colabora para diluir sua especificidade, ao evitar divulgar o nome que a campanha recebera e que o distinguia: “Diretas Já”. Assim, a Globo põe em segundo plano aspectos essenciais daquele momento político, mais pela fragmentação do real do que propriamente por omissão em relação aos fatos. Também é preciso sublinhar que o exíguo tempo – dois minutos e 17 segundos, no caso do Comício da Sé e cerca de três minutos em ocasiões posteriores [...]. No plano da narrativa, o curto espaço dado aos comícios não é abordado como problema ou falha, em nenhum momento [...]. A opção por dedicar poucos minutos aos comícios é reiterada como um padrão jornalístico acima de questionamentos, por denotar imparcialidade. (Ibi, Idem, p. 6)

Tomando por base os depoimentos que se seguem ao longo do livro, há de se ressaltar duas opiniões que exprimem como a emissora tratou e trata atualmente o que aqui discutimos. O primeiro deles é de Antônio Brito, editor regional de Brasília, da Rede Globo, à época das “Diretas Já”, que assim depõe sobre o assunto:

[...] Bem, o que acontece? A campanha das diretas imantou, agregou uma energia que andava há 20 anos querendo extravasar e ganhou uma dimensão emocional e popular que ninguém previa. É óbvio que nós todos fomos nos dando conta do que estava acontecendo e procurando encontrar espaços para ir colocando no ar. E o esforço foi de colocar no ar um material à altura daquilo que era o episódio e à altura das possibilidades. ... Então, em síntese, eu acho que é, sim, verdade, a cobertura das televisões e da Globo foi tímida. Se as diretas fossem hoje (claro que não seriam), é óbvio que teriam 45 minutos de *Jornal Nacional*. A pergunta é: lá, naquela circunstância, isso poderia ser feito? Que consequência teria?"(JORNAL NACIONAL, 2004, p.117)

O destaque dado a essa opinião deve-se ao fato de que, ao mesmo tempo em que se vislumbra uma possível confissão de “erro” por parte de um dos editores envolvidos no fato, imediatamente percebe-se que esse erro logo é justificado como uma adequação à censura imposta aos meios de comunicação pelo Governo. (FANTINATTI, M. M. C. M, 2007, p. 6)

O próximo depoimento analisado é o do repórter da cobertura em Brasília, Pedro Rogério:

[...] A TV Globo neste período realizou um trabalho da maior importância para a estabilidade do regime brasileiro. Eu, como protagonista menor destes acontecimentos, tenho consciência disso. A TV Globo realizou um trabalho fundamental para a preservação daquilo que nós havíamos avançado em termos democráticos, aquilo que o presidente Figueiredo havia avançado em termos de democracia naquele conceito de Geisel - lenta, gradual e segura. O crítico que vê o negócio 'O povo não é bobo, abaixo a TV Globo', acha que a TV Globo escondeu as diretas. Isso tudo é mesquinha completa, não tem a menor importância diante da grandeza maior que foi a sabedoria do Dr. Roberto, assessorado pelo Armando Nogueira, pelo Toninho Drummond, pelo Carlos Henrique, de terem esta visão de 'olha, vamos ajudar estas pessoas que querem ver o Brasil democratizado. Nós não podemos é fazer aventuras.' O *Jornal Nacional* não podia fazer aventuras. Se ele fizesse aventuras, ele estava indo no caminho errado, exatamente na contramão daqueles que queriam que o Brasil afinal erguesse a bandeira da democracia. O comportamento do *Jornal Nacional* nesses últimos anos de governo militar foi de mestre, foi exemplar. Foi um comportamento de sabedoria política, ao contrário do que muitas pessoas podem pensar. A TV Globo estava apostando na democracia, por isso teve as cautelas necessárias." (JORNAL NACIONAL, 2004, p.)

Reconhece-se neste depoimento que o autor está certo de que de o processo de redemocratização do país deveria seguir o modelo imposto pelo Governo Militar, ratificando assim o posicionamento da Globo, que sempre apoiou os governos militares, inclusive em seu

período final, contribuindo para que a abertura do processo político democrático adquirisse um caráter lento.

3. Considerações finais

O desafio proposto inicialmente neste artigo, por seu conteúdo ser composto essencialmente por aspectos históricos, levam tal tema a se tornar um campo vasto de olhares e críticas, o que nos leva a acreditar que uma das relevâncias do estudo é o incentivo a novas investigações e novos olhares.

Para aqueles que acreditavam que, através do Projeto Memória das Organizações Globo, a emissora ao revisitar o tema “Diretas Já” iria se retratar acerca das falhas jornalísticas cometidas através de seu editorial, a versão oficial divulgada através dos depoimentos e resgate histórico da TV Globo nos deixa um sentimento de frustração.

A emissora adota o aspecto da censura, dado o seu poder de convencimento, como argumento principal para justificar sua postura à época dos fatos, se colocando em uma posição na qual o julgamento público se torna irrelevante.

As 18 páginas que teriam a finalidade de reafirmar a responsabilidade jornalística da qual a emissora se vangloria, acabam por, quase três décadas após o fim da ditadura, se caracterizando como inconsistentes, dada a interpretação histórica distorcida aos interesses da emissora. O próprio diretor geral da empresa, Bonifácio Oliveira, Boni, à época do período militar, (Apud ALMEIDA FILHO, 1976, p. 28) dizia: “Quem espera conteúdo, opinião no jornalismo da televisão brasileira, pode desistir que não vai ter tão cedo”.

Referências

ALMEIDA FILHO, Hamilton et alli (1976). **O Ópio do povo. Extra Realidade. Coleção Livro reportagem.** Ano 1. n.1. São Paulo: Símbolo.

FANTINATTI, M. M. C. M. . **Rede Globo revisita o "Diretas já":** auto crítica do passado ou reiteração do jornalismo tendencioso. In: 16º Congresso de Leitura do Brasil - COLE, 2007, Campinas. Livro de Resumos do 16º COLE. Campinas : UNICAMP, 2007.

MARQUES DE MELO, José (1984). **Campanhas pelas Diretas: conspiração do Silêncio.** In: Boletim Intercomum. 7(46), jan./fev.1984.

NACIONAL, JORNAL. **A notícia faz história.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 2004.

PEREIRA, Carlos Alberto & MIRANDA, Ricardo. **O Nacional e o Popular na Cultura na Brasileira;** televisão. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA. Carlos Eduardo Lins da. **Muito Além do Jardim Botânico.** São Paulo: Summus, 1985.